

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN

PAULA CRISTINA VALLE GASPAR

AS TESSITURAS DO TURBANTE:
narrativas de força e beleza

JUIZ DE FORA
2019

PAULA CRISTINA VALLE GASPAR

AS TESSITURAS DO TURBANTE:
narrativas de força e beleza

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
de Juiz de Fora como requisito parcial
para a obtenção do título de
Bacharela em Moda.

Orientadora: Prof^a Dr^a Isabela
Monken Velloso

JUIZ DE FORA
2019

PAULA CRISTINA VALLE GASPAR

AS TESSITURAS DO TURBANTE:
narrativas de força e beleza

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
de Juiz de Fora como requisito parcial
para a obtenção do título de
Bacharela em Moda.

Juiz de Fora, 12 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Isabela Monken Velloso – UFJF

Prof. Ms. Frederico José Magalhães Simão – CES/JF

Prof^a. Dr^a. Eliane Bettocchi Godinho – UFJF

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus fiel e protetor, que está sempre junto a mim e não me abandona, proporcionando-me também esta conquista.

Aos meus familiares, sendo a minha mãe o ser que me amparou em todas as dificuldades ao longo da minha vida acadêmica e que me apoiou nessa reta final, sendo um estímulo fundamental para que eu pudesse concluí-la.

Meu pai que é sonhador e incentivador, que sempre me incentivou a buscar a felicidade, seja ela qual fosse, sendo este trabalho o resultado de tal busca.

Aos meus irmãos que são parte de mim e sem eles não valeria nada, seria somente eu...

Aos meus colaboradores, em especial a amiga e maquiadora Mayara Balbino que sempre me incentivou a fazer esse TCC, e foi quem me motivou e maquiou meus colaboradores com seu lindo trabalho, com verdadeiras mãos de fada.

À minha orientadora e professora Isabela Monken que me encorajou, me ensinou e me deu as melhores orientações.

Ao professor Luiz Fernando Ribeiro pelas dicas e por disponibilizar seus acessórios.

Ao colaborador de produção Anderson Aurélio Junior o qual eu tive o prazer imenso de conhecer, não só pelo seu trabalho, mas como pessoa.

À Wânia, querida mulher guerreira, que teve todo um carinho comigo e com meu trabalho.

Aos modelos que não poderiam ter sido outros: Anthoely, Rodrigo, Ana Carolina e Wânia, que permitiram que tudo se encaixasse perfeitamente.

À minha amiga Camila Machado que esteve comigo no dia da produção e com a qual pude, com alegria, contar.

Ao salão da Igreja Casa da Benção que me cederam solidariamente, um local onde eu pudesse construir meu sonho.

À Géssica, fotógrafa, que comigo sonhou e realizou um trabalho lindo.

Às lojas: Empório da Moda, Jack Maxi, Pilati Sapataria, Noah, Luiz Ribeiro Acessórios, Brechó Lalada, que colaboraram para que meu trabalho ficasse mais lindo.

Aos meus amigos que me apoiam e fazem meu dia a dia mais feliz, me livram das dores do mundo e me tornam uma pessoa melhor.

Aos meus colegas de trabalho e aos meus professores que me acompanharam durante toda a minha trajetória e me ajudaram a tornar a minha faculdade um lugar de ensino, de vivência, fazendo com que, ao longo dessa jornada, eu descobrisse ser este lugar extremamente acolhedor...

Meu muito obrigada de coração a todos... Sem vocês, essa trajetória não teria sido a mesma!

“Um mundo sem a moda seria cinza e triste, e milhões de pessoas não teriam do que viver.”

Pierre Cardin

RESUMO

O presente trabalho pretende demonstrar o simbolismo no uso do turbante, discutindo sua representatividade, principalmente na cultura negra. Apresenta dados sobre as origens desse acessório, seu uso nos mais diversos países, como chegou ao Brasil e como participa da construção da identidade afro-brasileira, sendo, hoje, mais do que um acessório de moda, um símbolo de resistência cultural.

Palavras-chave: Turbante. Moda. Mulher negra. Empoderamento.

ABSTRACT

This actual work intends to demonstrate the symbolism of the turban use, discussing its representativeness mainly in black culture. Its presents data about this accessory origins, its use in the various countries, how it arrived in Brazil and how It contributes in the black afro-brazilian identity, since nowadays it became more than a fashion accessory , being a cultural resistance symbol.

Key-words: Turban. Fashion. Black woman. Empowerment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
.....	
1 O TURBANTE NA HISTÓRIA DA MODA	8
1.1	9
1.2 A Origem	11
1.2.1	16
1.3 O Turbante no Mundo	18
.....	
No Brasil	
.....	
Tipos de Turbante	
.....	
2 TURBANTE E NEGRITUDE	27
2.1	28
2.2 Empoderamento da Mulher Negra	30
.....	
Turbante: Apropriação Cultural?	
.....	
3 TURBANTE E CONTEMPORANEIDADE: NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA	34
.....	
4 A PRODUÇÃO	39
.....	
5 CATÁLOGO INFORMATIVO “SEJA”	59
.....	
CONCLUSÃO	68
.....	

INTRODUÇÃO

O turbante, como símbolo cultural de muitas regiões do mundo, é o tema desse trabalho. Cada estilo de turbante tem um significado importante para o povo onde é usado, pois faz parte no processo na formação de cultura de cada um deles, identificando posição social, tribo ou casta.

Usado desde tempos imemoriais, o que pode se confirmar quando aparece na estátua do faraó Djoser, que viveu de c. 2630 a a.C. 2611, encontrada na pirâmide de Degraus, portanto mesmo antes da era cristã, assim o turbante adquiriu, através dos tempos, inúmeros significados como de proteção, de status religioso e social, de demonstração de fé, de riqueza e até simplesmente utilizado como artigo estético, ou seja, *fashion*. O turbante faz parte da moda desde que grandes estilistas do ramo como Paulo Poiret, que se inspirava na moda do Oriente médio e Coco Chanel adotaram o acessório em seus desfiles.

O estilo africano adota o turbante como roupa típica e veio para o Brasil com os escravos africanos trazidos na época da colonização pelos europeus, transformando-se em um marco da identificação da cultura negra, simbolizando a resistência cultural dos descendentes dos africanos escravizados.

Embora o turbante tenha origem oriental, esse acessório é usado pelos negros para valorizar sua história, representando resgate da cultura ancestral, resistência ao sistema racista, autoafirmação, empoderamento e fortalecimento da negritude. Nesse caso, tratado como símbolo de representatividade cultural, ele se transforma em patrimônio imaterial.

Conclui-se, então, que o turbante não é apenas uma tira de pano, um acessório para compor um estilo. Cada um deles tem um significado diferente, dependendo por quem e onde é usado, inclusive atualmente ele adquire um significado expressivo de fé no candomblé, bem como tem ajudado a mulheres a aumentarem sua autoestima, a acreditarem novamente em sua beleza e feminilidade e a recuperarem-se quando perdem seus cabelos no tratamento contra o câncer na aplicação da quimioterapia.

1 O TURBANTE NA HISTÓRIA DA MODA

A arte, cultura, literatura e dança estão sempre ligadas a significados históricos, já que remetem às suas origens e formação, incluindo-se, aí, a moda. Da mesma forma, o turbante, um lenço de seda de cores lisas ou estampadas, com diversas formas de amarração, “carrega consigo a força de sua ancestralidade.” (CRILOURA, 2015, p. 1).

Figueirêdo (2016) afirma que o turbante não pertence a nenhuma cultura específica de nenhum grupo, portanto não é propriedade cultural e sim um patrimônio cultural. Pode ser usado para simbolizar poder religioso, social e de riqueza, como proteção, e ter vários outros usos. O autor explica que durante muito tempo, na Europa, ele foi usado como proteção para os cabelos das tintas e pó de mármore por artistas. Para comprovação do uso desse acessório na época citada, Figueirêdo (2016) cita que

Élisabeth-Louise Vigée-LeBrun, a pintora mais famosa do século XVIII, pintou seu autorretrato usando um turbante, por exemplo. Van Eyck, igualmente. Dürer retratou o artista Michael Wolmegut usando um turbante preto. Adam Kraft esculpiu seu autorretrato com um turbante.” (FIGUEIRÊDO, 2016, p. 3).



Auto-retrato de Élisabeth-Louise Vigée-LeBrun
Fonte: Figueiredo, 2016, p. 3

Os turbantes constituíam, segundo Figueirêdo (2016, p. 3), simples cobertura de cabeça, depois passaram a identificar “pessoas ao longo de linhas culturais, políticas e sociais.” No período medieval, eram parte da indumentária masculina e feminina dos europeus. Produzido com tecidos finos, às vezes com pedrarias, para os nobres europeus no final dos anos 1700, foi usado também como peça utilitária feita de tecido bruto para os plebeus e serviçais. (p. 3).

Complementando, Borges (2015, p. 1) afirma que “conhecer as origens culturais do turbante através do tempo e discutir a apropriação cultural deste elemento tão rico é também uma forma de reconhecer e valorizar a nossa identidade afro-brasileira”. Atualmente, Silva (2018, p. 19), cita que “o Turbante representa: autoafirmação, empoderamento negro, resistência ao sistema racista e segregacionista, conexão ancestral e fortalecimento da Negritude.”

1.1 A Origem

Não se sabe qual a origem do turbante, mas ele já era usado no Oriente muito antes do surgimento do Islamismo, ou da religião Sikh, onde é usado pelos homens como demonstração de fé.

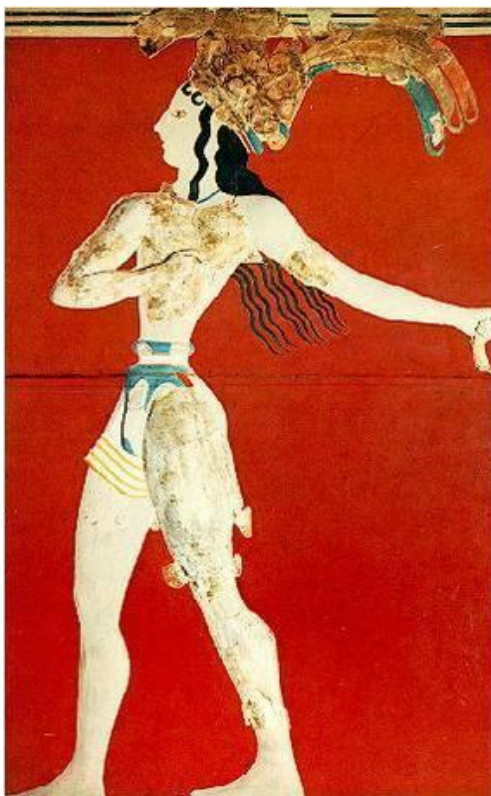


Líder espiritual Sikh usando turbante
Fonte: Wikipedia, s.d., p. 1

Confirmando o exposto, Figueirêdo (2016) afirma que:

No sítio arqueológico de Cnossos, na ilha de Creta (Grécia), existem pinturas e estátuas conhecidas mundialmente, datando da Idade do Bronze (3000 a.C.), que mostram pessoas usando turbantes.

Do mesmo modo é possível encontrar registros de figuras trajando este item na Grécia Antiga (1 100 a.C. até 146 a.C.), e Roma Antiga (Século VIII a.C), passando pelos Vikings e continuando sua história ora mais, ora menos usado. (FIGUEIRÊDO, 2016. p. 2).



Pintura da Idade do Bronze
Fonte: Figueirêdo, 2016, p.2

Para Silva (2018), a origem do turbante ainda é indefinida, mas a autora acredita que uma das primeiras amarrações usadas na cabeça aconteceu no Antigo Egito com o nome de *Nemes*, em *Kemet* ou *Khemet*:

Além das coroas, um adorno de cabeça que cai em duas tiras sobre os ombros e tem uma parte pendente sobre a nuca amarrada em trança, denominado *nemes*, também se tornou bastante conhecido, sobretudo porque é usado pela esfinge de Gizé e, ainda, porque aparece na famosa máscara de Tutankhamon... Tratava-se de um elemento fundamental da veste faraônica, tendo entrado em voga a partir da III dinastia (c. 2649 a 2575 a.C.). Sua representação mais antiga está na cabeça da estátua do faraó Djoser (c. 2630 a 2611 a.C.) sentado, encontrada no complexo da Pirâmide de Degraus. (SILVA, 2017 p. 15).



Foto 1: Nemes. Reprodução da Internet

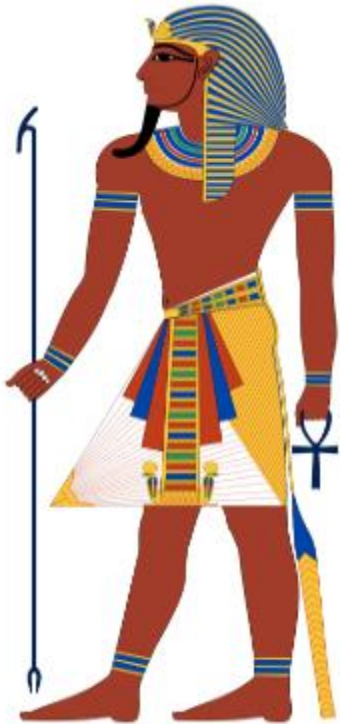


Foto 2: Nemes. Reprodução da Internet.

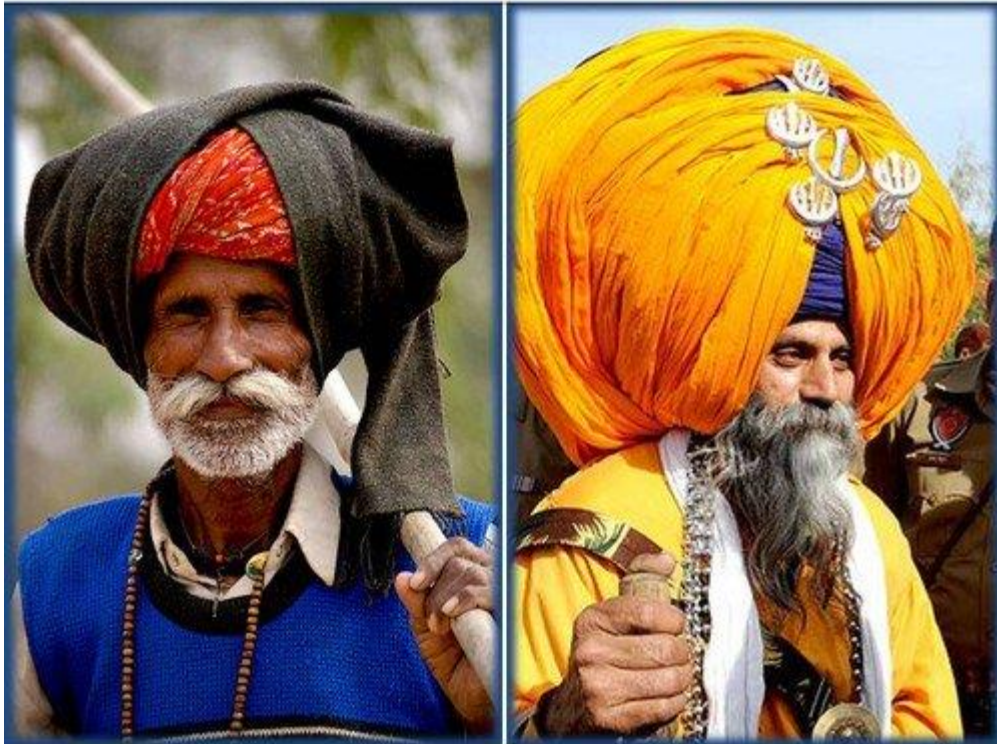
Também Leventon (2009) afirma que o uso do turbante aconteceu muito antes da era cristã, por persas, árabes, lídios, anatólios, árabes, judeus,

tunisianos, indianos, ou seja, por várias etnias em diversas épocas, geralmente fazendo parte do vestuário masculino. Seu uso tinha significados diversos, podendo representar uma religião (como o Ojá africano), identificar posição social, tribo ou casta.

1.2 O Turbante no Mundo

Como já foi dito, antes do islamismo ou da Sikh, religião indiana, o turbante já era usado pelos homens para demonstrar fé. E era um tecido com 45 metros de comprimento. Servia também, no deserto, para proteger a cabeça do calor do local. Se se colocasse o turbante aos pés de outra pessoa, indicava submissão. E se houvesse a troca dos turbantes, indicava laço de irmandade entre elas.





Indianos usando turbantes

Fonte: <http://blog.emporiocharme.com.br/turbante-origem-costumes-e-moda/> p. 2

Quando o comércio entre o Oriente e Ocidente se intensificou, cultura e costumes foram trocados e os primeiros a usarem o turbante, na Europa, foram os navegadores e marinheiros. (RASPANTI, 2015). Na Europa Medieval, 400 anos antes que os portugueses chegassem ao Brasil, o turbante já era usado por nobres e plebeus, homens e mulheres. Os turbantes dos nobres eram confeccionados em tecidos finos e adornados com pedrarias, enquanto que os dos plebeus e serviçais, geralmente na cor crua, eram feitos em tecido bruto. (FIGUEIRÊDO, 2016).

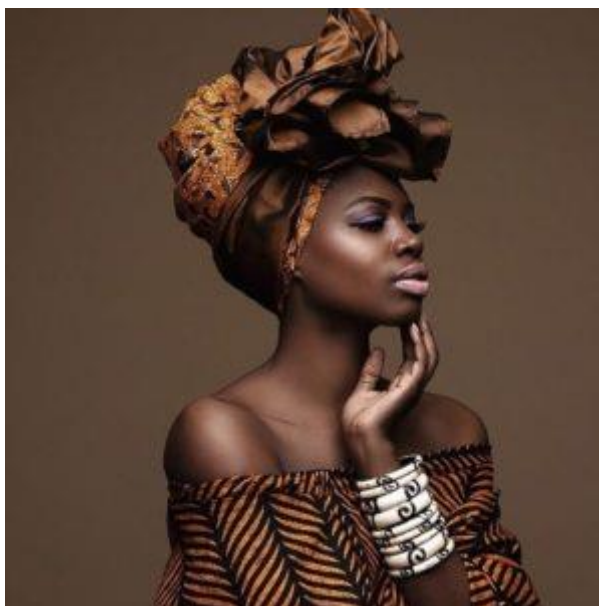
O uso do turbante é muito antigo e comum no Oriente Médio, Norte e Leste da África, Sul da Ásia, Afeganistão, Bangladesh, Índia e Paquistão, geralmente usado pelos homens com respeito a suas religiões. Para Lody (2004, p. 84), antropólogo, o uso do turbante, nesses casos, sofre influência dos povos muçulmanos, já que “na concepção muçulmana, o Turbante opõe-se a tudo o que é profano, ele protege o pensamento sempre propenso à dispersão, ao esquecimento.”

Na Índia, Paquistão, Afeganistão, Bangladesh, Sul da Ásia, Oriente Médio, Norte e Leste da África, o uso do Turbante é muito comum e antigo.

Nesses lugares, os homens o usam com maior frequência, muitas vezes em referência às suas religiões. (SILVA, 2018).

[...] o uso hierárquico dos *Nemes* por Faraós influenciou também seu uso na organização hierárquica das religiões de matriz africana, como o Candomblé, comprovando a importância de proteger o *Orie*, mostrar a autoridade, liderança e respeito do seu povo. (SILVA, 2018, p. 11).

O turbante faz parte do estilo africano de se vestir como roupa típica, como já foi dito; é chamado de turbante gelé e tem um significado importante porque serve para proteger os pensamentos e a fé no divino. Existe ainda um turbante chamado Ojá que, às vezes, é enrolado na cintura e outras vezes serve para as mulheres amarrarem e carregarem seus filhos junto a seus corpos.



Turbante Ojá

Fonte: <http://blog.emporiocharme.com.br/turbante-origem-costumes-e-moda/> p. 3



Mulher negra africana carregando seus filhos

Fonte: Santos, 2014, p. 1

O Ojá pode ser usado com funções religiosas e, nesse caso, é confeccionado na cor do Oxalá, o branco, e feito de morim ou cretone. (Illy, 2018).

Quando Paris se tornou a capital da moda, após a Revolução Francesa (1789-1799), sua influência se expandiu na moda do mundo inteiro e, nessa época, as francesas já aparecem usando o turbante. (RASPANTI, 2015).

. Na década de 1930, grandes estilistas como Paul Poiret, que sempre se inspirou na cultura e moda do Oriente Médio, e Coco Chanel começaram a usar os turbantes em suas apresentações de moda. Tornaram-se, assim, os grandes incentivadores e promotores do sucesso no uso do turbante pelas mulheres da alta sociedade que dura até hoje. (OLIVEIRA, 2017).

Nos anos de 1920 a 1940, atrizes de Hollywood apareciam com glamorosos turbantes. (RASPANTI, 2015).



Lana Turner

Carmem Miranda

Simone de Beauvoir

Fonte: Noleto, 2015, p. 1

Madeleine Chapsal (in Guiotto, 2009) pergunta porque Simone de Beauvoir usava turbante. "Seria para parecer menos feminina ou para melhor realçar a sua bela testa de intelectual?" Talvez o turbante fosse uma estratégia de Simone para rebelar-se contra o uniforme feminino que, segundo ela, servia para massacrar as mulheres na época. Portanto ela o usava não como acessório para encobrir algo, ou escondê-la, pelo contrário, "era o sinal de uma diferença, um ato (e não um peso)". (GUIOTTO, 2009, p. 1).



Marlene Dietrich e outras atrizes usando turbante
 Fonte: Raspanti, 2015, p. 2

Também durante a segunda guerra mundial, tempos difíceis fizeram as mulheres usar o turbante porque havia dificuldade no cuidado com os cabelos. (OLIVEIRA, 2017).

Na década de 1960, quando o movimento orgulho negro aconteceu nos Estados Unidos, o turbante foi usado como símbolo da cultura negra.

1.2.1 No Brasil

Os turbantes chegaram ao Brasil, usados pelos escravos africanos, trazidos pelos primeiros invasores europeus em 1500. Essa cultura africana chegou ao país em cores mais leves, criando uma identidade própria. No intuito de manter sua cultura e religião, as escravas faziam seus turbantes com os tecidos, panos, roupas ou xales disponíveis.

O turbante é muito usado no Estado da Bahia, cuja influência africana até hoje ainda é muito forte. Turbante, ojá ou torço trata-se de uma manta que é enrolada na cabeça e faz parte dos trajes das baianas. O Ojá é o mais usado por estar ligado à religião e fazer parte das vestimentas do candomblé, umbanda e xangô, usado como proteção principalmente pelas mulheres, filhas de santo, no sentido de demonstrar senioridade e respeito. (FIGUEIRÊDO, 2016).

Uma das maiores incentivadoras do uso do turbante no país foi Carmem Miranda que, embora portuguesa, mas criada desde um ano de idade no Brasil, considerava-se, portanto, luso-brasileira. Sua imagem ficou eternizada pela

fantasia de baiana que levou o nome do Brasil ao exterior junto com o samba brasileiro. Ela apresentava a música brasileira usando sempre brincos grandes e um turbante cheio de frutas e flores. Com o uso desse acessório, ela ficou conhecida nos Estados Unidos, onde fez vários filmes com esses trajes. (CAMPOS, 2019).



Carmen Miranda usava esplendores com diferentes tipos de frutas em suas apresentações
Fonte: https://www.belezaextraordinaria.com.br/noticia/brasilidade-nos-cabelos-os-penteados-tropicais-de-carmen-miranda_a6111/1



Turbante ojá

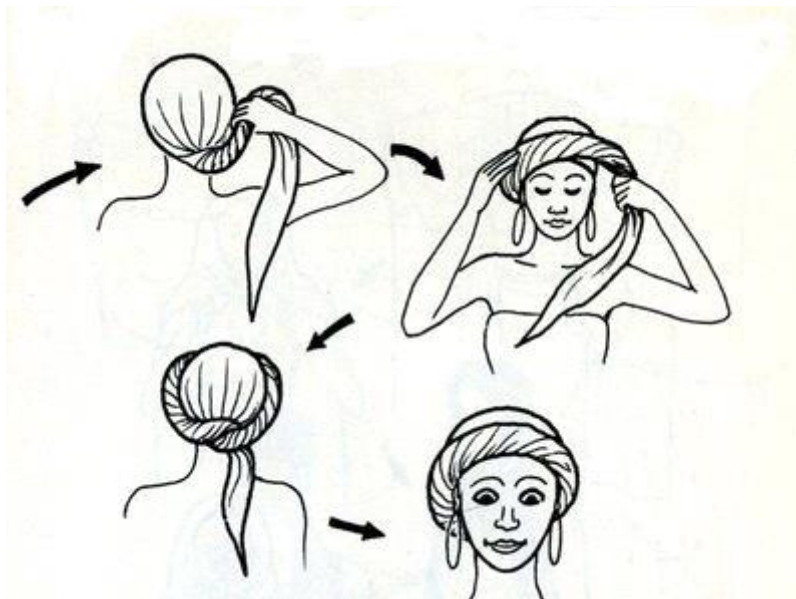
Fonte: <http://blog.emporiocharme.com.br/turbante-origem-costumes-e-moda/p.4>

Detalhes nas roupas dos escravos demonstravam diferenças entre as culturas africanas que chegaram ao Brasil. O ojá dos nagôs era feito com várias voltas ao redor da cabeça.



Turbantes Ojá Nagô
Fonte: Illy, 2018, p. 1

As negras Jeje usavam o lenço Jeje que era dobrado na forma de um triângulo deixando a ponta para trás.



Amarração do lenço Jeje
Fonte: <http://trancanago.blogspot.com/2010/11/turbante-3.html> p. 1

1.3 Tipos de Turbante

Silva (2018) descreve os vários tipos de turbante.

A autora explica que as palavras em inglês *Turban* e *Scarfheds* significam turbante. E *headwrap*, utilizada em textos de turbanistas brasileiras, refere-se ao uso do turbante afro-americano.



Turbante headwrap. SILVA, 2018, p. 12.

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/378443174928169481/?lp=true>

Doek em *Afrikaans* significa tecido, provavelmente referindo-se ao turbante africano feito de tecido estampado.



Turbante Doek. SILVA, 2018, p. 12.

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=modelo+usando+turbante+Doek>

“*Head cloth* foi encontrado em textos que contextualizam a história sobre os *Nemes*.” (SILVA, 2018, p. 12).



Turbante headcloth. SILVA, 2018, p. 12.

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=modelo+usando+turbante+head+cloth>

Gélè, palavra *Yorubá*, também chamado de *Headtie*, é um modelo de turbante usado pelas mulheres nigerianas cuja amarração se diferencia dos demais por ser feito com várias voltas simétricas com volume.



Turbante Headtie

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=modelo+usando+turbante+headtie>:

O atual turbante era chamado pelas mulheres negras mais antigas de Torço e Pano de Cabeça. Em algumas religiões de matrizes africanas, elas o chamavam de Gélè, Ojá, Torço e Pano de Cabeça.



Torço ou pano de cabeça

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=modelo+usando+tor%C3%A7o+ou+pano+de+cabeça>



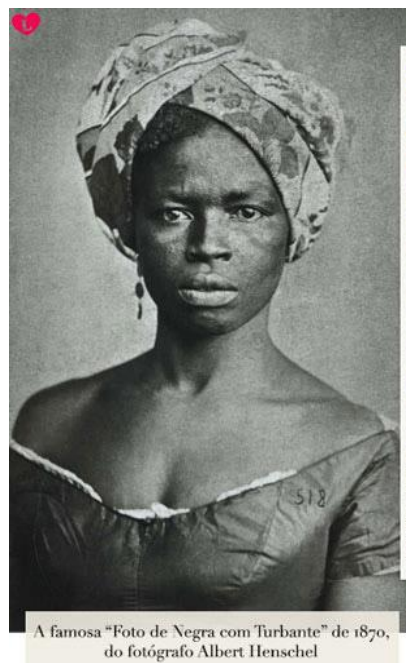
O uso do turbante Coroa simboliza, para as mulheres negras, poder, altivez e autoestima.



Turbante Coroa

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=modelo+usando+o+turbante+Coroa>

Noletto (2015) afirma que os turbantes, em um processo de multiculturalismo, tornaram-se patrimônio cultural brasileiro, de uso bastante popular, virando artigo *fashion*. Simbolizam as raízes africanas e fazem parte da história social, cultural e religiosa brasileira, como se pode notar nas imagens ilustrativas seguintes.



A famosa "Foto de Negra com Turbante" de 1870, do fotógrafo Albert Henschel



*A designer Leliniq Ornellas
com look inspirado
em suas origens*

Fonte: Noletto, 2015, p.2

Noleto (2015) apresenta quatro tipos de turbantes da moda *fashion* atual.

A) Ponta enrolada: passa-se o lenço pela cabeça e as pontas são enroladas como uma flor que pode ser colocada na frente, de lado ou atrás.



Fonte: Noleto, 2015, p. 3

B) Estilo retrô: lembra os anos 20, 30 e 60, geralmente a touquinha é comprada com o formato certo.



Fonte: Noleto, 2015, p. 3

C) Tipo faixa: sucesso no desfile da primavera de 2013 do Marc by Marc Jacobs, é bem charmoso e quanto mais volumoso melhor.



Fonte: Noleto, 2015, p.4

D) Volume total: de inspiração africana, pode ser feito de pedaço de tecido, lenços ou até de uma canga.



Fonte: Noleto, 2015, p. 4

Embora sejam “tiras de tecidos enroladas sobre a cabeça” (Ramos; LINS, 2017, p. 1), os turbantes viraram acessório da moda. Saiu do local sagrado para o profano. Nas religiões africanas, hindu e islâmica, “a cabeça é algo que deve ser ‘resguardado, cuidado e ordenado’.” Por isso se tornou inspiração religiosa para o candomblé. (GUERREIRO, apud ALMIRANTE, 2015, p. 4).

Muito importante é destacar o uso do turbante por mulheres que perdem seus cabelos por causa da quimioterapia no tratamento do câncer, pois, conforme destaca Castanheira (2019), ele ajuda a

despertar a auto estima de mulheres em processo temporário de quimioterapia e dando força para percorrermos o caminho da adversidade com otimismo e leveza. Algumas mulheres em processo temporário de quimioterapia fazem do lenço uma bandeira de luta, uma ferramenta de superação. (CASTANHEIRA, 2019, p. 1).

Sara Roberta, estilista, trabalha com pacientes oncológicos e afirma que o uso do turbante é um acessório inclusivo para estas pessoas porque ajuda a devolver beleza e feminilidade a estas mulheres, levantando sua auto-estima, funcionando como um grande recurso na recuperação e na cura do câncer. (ROBERTA, 2014, p. 1).



O Grupo Lwart (2018, p. 1) ressalta que a quimioterapia geralmente traz a queda de cabelos das pacientes, portanto o uso do turbante vem amenizar “o impacto do visual, recupera a autoestima delas, além de protegê-las do sol e do sereno.” Cita ainda uma campanha lançada por Irani Gorgoni na arrecadação de tecidos e retalhos para confeccionar lenços e turbantes que serão doados a mulheres vítimas do câncer. Irani teve essa ideia quando foi visitar sua amiga que estava triste não só por ter perdido todo o cabelo, mas ainda porque sua filhinha de 2 anos passou a rejeitá-la por causa de seu novo visual.

2 TURBANTE E NEGRITUDE

Exceto o continente africano, o Brasil é apontado no Censo do IBGE de 2010 como a maior população negra, estimando-se que três milhões de negros e negras de países e etnias diversas foram trazidos como escravos, seqüestrados de suas famílias e de suas raízes, em “um processo de apagamento, de colonização da mente e de suas histórias.” (SILVA, 2017, p. 3).

Nesse período colonial, a população negra foi escravizada e as mulheres alvo de abusos, exploração e servidão. Porém, na época pós-colonial, essas mulheres começaram a afrontar esse sistema racista e machista, utilizando-se de estratégias de defesa e artimanhas através de um movimento de resistência, “organizado por mulheres negras e homens negros” que fizeram “com que a comunidade negra se empodere e seja reconhecida como a garantia e manutenção de direitos básicos e equiparação social”. (SILVA, 2017, p. 6).

Brito (2011) explica que, escravos e vítimas da desigualdade racial, os negros no Brasil foram excluídos da fortuna, por isso usaram suas manifestações religiosas, a dança, a música, sua história e literatura, a estética pessoal como marcos de sua obstinada resistência.

Segundo Munanga (1988),

Continuando a ser recusado socialmente, o negro intelectual descobre que uma possível solução a essa situação residiria na retomada de si, na negação do embranquecimento, na aceitação de sua herança sócio cultural que, de antemão, deixaria de ser considerada inferior. A esse retorno chamamos negritude. (MUNANGA, 1988, p. 5)

Tais transformações têm acontecido de forma lenta, mas contam com a participação fundamental das mulheres negras. Resignificando a identidade negra, consegue-se reconstruir o *ethos* ancestral e assim a “zona de não-ser” a que a população negra se viu relegada na época colonial, se desfaz. (FANON, 2008, p. 26).

Aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psicologicamente. Ele se reivindica com paixão, a mesma que o fazia admirar e assimilar o branco. Ele assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza e de feiura como qualquer ser humano *normal*.”. (MUNANGA, 1988, p. 33).

Nesse contexto, mulheres negras africanas e afro-brasileiras se destacam na composição de identidades que as identificam coletivamente, através de símbolos e simbologias que trazem valores que, na composição da identidade negra, são figuras centrais. Hall (2013) afirma que

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2013, p.10).

Portanto a formação da identidade se faz social e coletivamente e a mulher negra apresenta identidades diversas com “comportamentos característicos pré-estabelecidos socialmente”, assim acontece sua inclusão social e o pertencimento. (SILVA, 2017, p. 1).

2.1 Empoderamento da mulher negra

Resgatando atualmente elementos ligados à origem afro-descendente e à ancestralidade, ocorre o empoderamento dessas mulheres que constroem suas estéticas e identidades e, nesse contexto, usam o turbante “como um ato de manifestação política, resistência e cultura”. (SILVA, 2017, p. 1).

A indumentária surgiu para o movimento negro como um resgate da cultura dos ancestrais e da estética. Simboliza a resistência cultural dos descendentes dos africanos escravizados em seus costumes originais.

Como forma de valorização da história, cultura e estética africana e afro-brasileira, o uso do turbante é uma maneira de empoderar as mulheres negras e apresentar outras belezas que não as que a moda impõe como ideal. (FORTES, 2016, p. 1)

Guerreiro (2015) esclarece que o turbante é a afirmação do “código negro”, ou seja, uma prática de diferenciação ligada a uma afirmação negra, que vem do universo negro. “Estamos nesse processo de buscar um caminho estético que represente outros fenótipos e o turbante é um signo disso.” (GUERREIRO, apud ALMIRANTE, 2015, p. 5).

Santos (2011, p. 7) afirma que o uso do turbante serve para valorizar a história, a cultura e a estética africana e afro-brasileira, empoderando as mulheres negras e apresentando “outras belezas que não as que a moda impõe como ideal.”

O empoderamento é um processo individual, coletivo, longo e também doloroso. Não encerra em uma “transição”, ou em usar turbante, ou ouvir rap, por exemplo. É mais profundo, vai na raiz da nossa história enquanto mulheres negras, enquanto povo preto. É um processo de re(ex)istência e resiliência e requer sim ajuda em seu processo de libertação. É a partir daí que compreendemos o nosso papel enquanto sujeito político na história, pois “nossos passos vêm de longe”, a luta é nossa constante e o empoderamento sem conhecimento é vazio”. (FORTES, 2016, p. 3).

Mattos (2015) explica que

O conceito empoderamento torna-se o fio condutor desta nova discussão sobre afirmação estética onde o cabelo como signo de negritude deixa de ser um elemento negativo e se ressignifica na diáspora como impulsor do enfrentamento ao racismo. Empoderar nesse contexto é usar das ferramentas da tecnologia da informação nesse caso as redes sociais e fazer com que não só as mulheres negras mas outros atores sociais ampliem recursos e condições que lhes permitam ter voz, e maiores oportunidades de trocas entre os pares, alavancar novas capacidades de ação e decisão especialmente nos problemas que mais afetam suas vidas, em diversas situações seja na escola, no trabalho, nas instituições e repartições públicas bem como nos espaços de sociabilidades. (MATTOS, 2015, p.49)

Por isso o uso de símbolos culturais pelo negro é utilizado para reconhecimento da negritude, buscando resgatar sua ancestralidade. E o uso do turbante é visto, atualmente, como um desses símbolos que demonstra empoderamento ou simplesmente usado como moda, mas também considerado “como apropriação cultural, por vir de uma cultura de um povo que sofreu muito preconceito e que sofre até hoje”, embora muitas pessoas o considerem apenas um adereço e não como representativo de uma cultura. (Santos, 2017, p. 6). Para transformar essa força coletiva e multiplicá-la, cada negro deve se apossar

desse empoderamento, só assim ele se torna um sujeito político legitimando-se através de sua voz e reforçando o poder de sua identidade. (FORTES, 2017).

2.2 Turbante: Apropriação Cultural?

O uso do turbante tem levantado grande polêmica acerca de ser apropriação cultural ou não, por ser essa peça um símbolo político, de resistência e de empoderamento, mas que, muitas vezes, as pessoas têm aderido a ele como um acessório de moda. Ele tem sido utilizado durante gerações, ressignificando-se e sobrevivendo à apropriação cultural.

Nesse contexto, é importante saber o que é apropriação cultural.

Segundo Jardim (apud Silva, 2017):

O fenômeno acontece quando um estrato social historicamente dominante marginaliza uma etnia, religião ou cultura, tornando seus símbolos e práticas abomináveis aos olhos da sociedade. Com isso, o grupo marginalizado abandona tais práticas, como uma forma de se adequar, na tentativa de sofrer menos preconceito. Com esse processo concluído, o mesmo grupo responsável pela marginalização passa, então, a ressignificar essas práticas e símbolos antes condenados, tentando torná-los atrativos para a maioria da população, visando o lucro [...]. Nesse processo, toda essência simbólica dos elementos é perdida. Eles passam a ser apenas objetos de desejo, cada vez mais caros e inacessíveis para os que foram primeiramente hostilizados, (JARDIM, apud SILVA, 2017, p. 8).

Maria de Lourdes Teodoro, coordenadora do curso de "Conscientização da Cultura Afro-brasileira", complementa o conceito de apropriação cultural.

Apropriação cultural é “a adoção indevida de elementos específicos de uma determinada cultura por membros pertencentes a outra”. [...] “A expropriação tem consequências. A nossa luta política é sistematicamente minada por poderes midiáticos. [...] É um esforço hercúleo para reconstruir um pertencimento, uma identidade cultural neste Brasil podendo trazer a nossa ancestralidade africana como um bem, como algo positivo. É uma luta nesse sentido”. (TEODORO, apud SILVA, 2017, p. 7).

Portanto a apropriação cultural se dá quando uma cultura usufrui de privilégio sobre outra, já que ela adota elementos específicos de um grupo cultural diferente. Trata-se de um processo desigual e desrespeitoso. No caso do uso do turbante, que é símbolo de luta de resistência de um povo cuja cultura foi criminalizada, estereotipada e esvaziada “em seu significado e história em prol do mercado”, conjeturando dominação, tem-se aí desrespeito à identidade negra. “É assim que a apropriação acontece, tornando uma cultura combativa em algo que não incomode o status quo”. (FORTES, 2016, p. 4).]

Deduz-se, então, que o conceito de apropriação cultural envolve uma reflexão política, já que tem uma conotação negativa: é um grupo de uma cultura dominante que adota a cultura de um grupo for ele oprimido. Mediante essas considerações, Fortes (2017, p. 4) afirma que é preciso ter consciência de que o turbante não é apenas um pano, ele é “um símbolo, é resistência que passou por centenas de anos, é história cheia de sangue, é luta pra quem ainda hoje, em 2016, é vítima de um julgamento por ser preto.” (FORTES, 2016, p. 4).

Nesse contexto, a apropriação cultural dos turbantes se dá quando as mulheres brancas usam-nos sem conhecer seu significado e suas raízes, que estão nas tradições africanas. (RAMOS; LINS, 2015, p. 3).

Da mesma forma, Ângela Guimarães, socióloga e presidenta nacional da União de Negros Pela Igualdade (UNEGRO) afirma que, como o turbante não é um adereço estético, mas uma representação simbólica religiosa ligada às expressões da matriz africana, é, sim, uma apropriação cultural, pois prejudica “o avanço na reflexão e ação de enfrentamento ao racismo no País.” (in NOGUEIRA, 2017, p. 1).

No entanto, alegando que o turbante não pertence a nenhuma cultura específica, que é um patrimônio mundial, Santos (2017, p. 6) considera que esse acessório “não é propriedade cultural de nenhum grupo”, não se tratando, assim, de uma apropriação cultural.

Também Cristiano Pereira, (in Nogueira, 2017, p. 2), sociólogo e coordenador executivo de Igualdade Racial da Prefeitura de Fortaleza, ao afirmar que “não é apropriação indevida quando indivíduos adotam elementos de outras culturas, desde que não as aculturem”, baseia-se em que “os elementos das culturas africanas, como vestimentas e acessórios, se

materializam no Brasil como instrumentos fundamentais para a descolonização da identidade cultural nacional, afirmação da negritude e desconstrução das discriminações raciais”, o uso do turbante, portanto, não se trata de apropriação cultural.

Para Cabral (2017), apropriação cultural não existe, posto que a cultura se forma com relações sociais dinâmicas, portanto ela mantém sua identidade por algum tempo, mas vai se modificando, portanto brancos, negros índios e todos os demais povos apresentam laços identitários diferentes, mas convivem entre si. Só se os negros rompessem quaisquer relações sociais com os brancos, é que poderiam impedir o uso do turbante pelos últimos. “O nosso uso do turbante não é o mesmo que dos nossos ancestrais. Mas o uso por nós, negros, e o impedimento de outros ao uso, diz muito de como a estética é um elemento mais importante para definição da identidade negra do que as relações sociais de onde a cultura surge.” (p. 9). Como exemplo, ele sugere que as pessoas imaginem que o turbante foi apropriado por um rico banqueiro negro que o vende para pessoas brancas e negras: seria uma apropriação cultural? (CABRAL, 2017, p. 9).

Fato interessante com relação à apropriação cultural conta Augusto (2017) sobre o que aconteceu em fevereiro de 2017 que gerou muita discussão na Internet quando uma menina branca postou uma fotografia usando um turbante. Ela conta que uma mulher a abordou dizendo que ela não tinha o direito de usar o acessório por ser branca, o que, para certos militantes raciais, tratar-se-ia de apropriação cultural. A garota, então, tirou o turbante expondo sua cabeça sem cabelos, provando estar com câncer e que estava usando o turbante para recuperar sua autoestima. Abaixo apresenta-se o desabafo da garota.

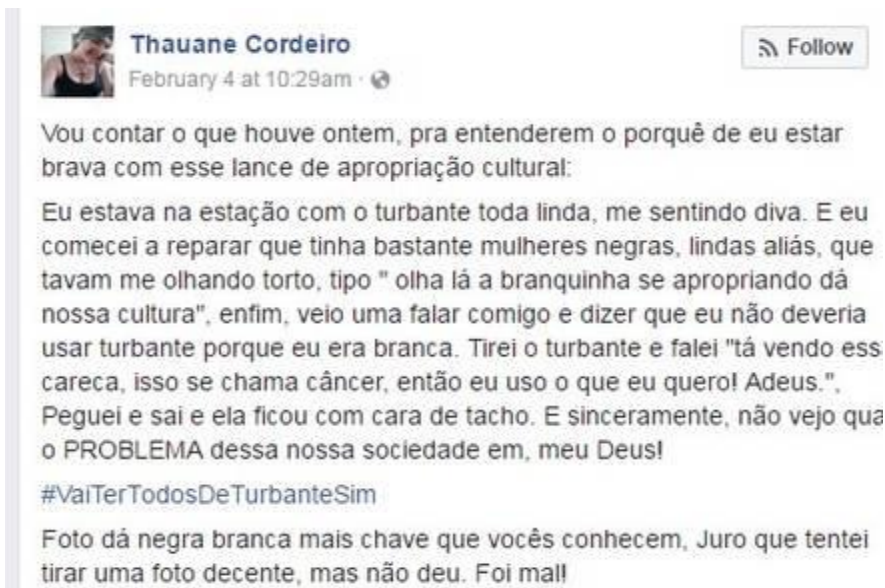


Foto do desabafo da garota. (2017)

Fonte: Internet, 2017

Mediante o que foi aqui apresentado, fica a pergunta: é ou não apropriação cultural? Verificou-se, por este trabalho que as respostas variam de acordo com a análise, vivência e convicções de cada pessoa envolvida no uso do turbante.

3 TURBANTE E CONTEMPORANEIDADE: NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA

Apropriação cultural ou não, as mulheres negras usam o turbante para serem reconhecidas e como símbolo de resistência, como afronta, utilizado como afirmação cultural. Assim elas se consideram mais representadas e resgatam a cultura negra, valorizando seus cabelos em alguns modelos de *dreads* e turbantes. O estilo *Black Power*, originado nos negros afro-estadunidenses, e os *Black Panthers*, de 1970, visavam garantir os direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Para Mello,

quando a mulher negra assume seu cabelo natural, seus *dreads* ou tranças, aceita seus traços, curvas, costumes e resgata elementos da cultura e identidade negra, reinterpretando a ótica dos seus traços fenotípicos é um sinal de resistência. (MELLO, apud SILVA, 2017, p. 7).

Dessa forma, o uso do turbante pela mulher negra tornou-se “símbolo de resistência do povo negro (luta, empoderamento, identidade e especialmente ancestralidade)”, (Fortes, 2017, p. 2), embora muitas vezes seja associado, por preconceito, a uma mulher exótica ou macumbeira, enquanto que, se usada pela mulher branca, é considerado estiloso, *fashion*, na moda. Por isso, contra esse conceito racista, é preciso “lutar e resistir todos os dias, para uma conscientização racial e ancestral de um povo que tanto influenciou e influencia todos os espaços da sociedade, mas é muito invisibilizada e criminalizada” (Fortes, 2017, p. 2). Isso demonstra porque ele representa um símbolo político, de resistência e empoderamento. (FORTES, 2017, p. 2).



Foto: uso do turbante no desfile de moda em Nova York de 2018
Disponível em: <https://fw.uol.com.br/desfiles/nova-york/verao-2018/marc-jacobs/1673834/colecao/1/>

O turbante traz “autoestima, elegância, empoderamento e sabedoria”, segundo a estilista Dete Lima, do bloco afro baiano Ilê Ayiê, que trabalha com turbantes há mais de 40 anos. Lorena Lacerda também considera o turbante um elemento político, porque traz empoderamento e a autoestima fica mais elevada. (ALMIRANTE, 2015, p. 1).



Foto: Dete Lima, estilista do bloco afro-baiano Ilê Ayiê (ALMIRANTE, 2015, p. 1).

Para a empresária e socialite Eunice Souza, “quando você resolve usar o turbante está mostrando a aceitação da sua raça, da sua origem, da sua realidade. Turbante é mais do que um acessório, é religião, é moda, é cultura!” (OLIVEIRA, 2017, p. 2). Tereza Gama, vocalista do Clube do Balanço, usa o turbante como uma reverência aos orixás, e também pela elegância, “pois o turbante vem de uma beleza transcendental”. (OLIVEIRA, 2017, p. 2). Já Dara Ohana usa-o como resgate de suas raízes. E a modelo Caetana Santos explica: “Sendo ele uma forma de simbolizar resistência, é importante que saibamos resguardar e transmitir o seu sentido e a sua importância, afinal, turbante pode até ser moda, mas é acima de tudo representatividade e identidade racial”. Suely Santiago, baiana de 24 anos, considera o turbante, como o fazem muitas mulheres negras, uma coroa. “Meu turbante é minha coroa. Sei que sempre chamo atenção quando 'desfilo' por aí com esse símbolo de resistência”. (OLIVEIRA, 2017, p. 2).

Fernanda Gurchel, empresária, confirma a importância do turbante para ela:

O uso do **turbante** está vinculado a uma reflexão madura, antes histórica do que estética. Ele é símbolo de força, de poder. Está ligado a cultura negra. Me sinto poderosa! Por isso, acho errado usar um acessório de carga simbólica simplesmente por estética, sem qualquer conhecimento do que se trata... Turbante é mais que um 'adereço'! (OLIVEIRA, 2017, p. 2).

Gabriela Zuffo usa o turbante como expressão de sua ancestralidade, “me sinto uma princesa afro”; para ela, antes desse acessório ser usado como acessório *fashion*, deve-se considerar sua história e simbologia. Sua mãe, Teresa Fehr, atriz, empresária e pedagoga, também se orgulha de usar turbante: “Turbante é símbolo de resistência da mulher negra. O uso do turbante não e só uma questão de moda e estilo é também um ato político”.(OLIVEIRA, 2017, p. 1).



Foto: Oliveira, 2017, p. 1

Thaís Muniz (in Silva, 2017), turbanteira profissional, criou o projeto turbante para aumento da autoestima e valorização da mulher negra e afirma:

A minha missão é passá-lo adiante, é exatamente associando-o a questões negras, que enaltecem e também refletem o racismo. O ponto de partida é fazer com que essas mulheres entendam que o turbante é a coroa das rainhas africanas e afrodescendentes. É um elemento de reconexão para muitas mulheres que, por exemplo, estão se desligando de cabelos quimicamente tratados pelo racismo e pela não aceitação. (MUNIZ, apud SILVA, 2017, p. 33).



Foto:Thaís Muniz (TIUSSU, 2018, p. 3)

Thaís Muniz faz Workshops de Turbantes e, em 2017, fez uma palestra em uma exposição coletiva no Fowler Museu de Los Angeles e um workshop em Lamerth Park, um dos bairros negros mais tradicionais daquela cidade. Esteve também em Londres, a convite da School of Oriental and African Studies e deu um curso na Dubalacobaco, na LxFactory, em Lisboa, Portugal. (TIUSSU, 2018).

Confirma-se, então, a importância de tantas turbanteiras que levam o nome do Brasil ao exterior, como a Thaís Muniz que tem sido convidada para expor e demonstrar como o acessório pode enriquecer a moda no mundo inteiro.

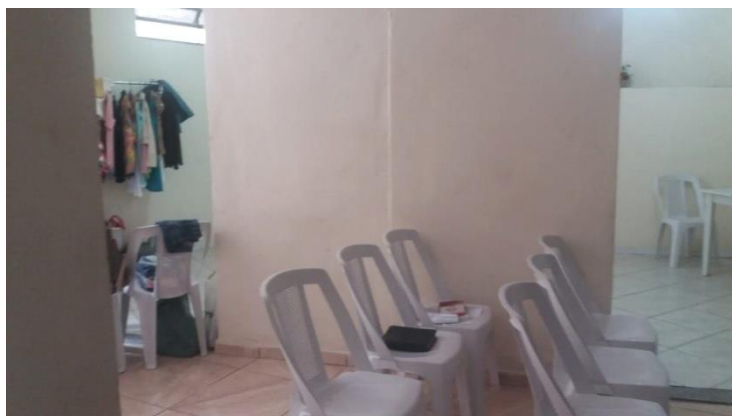
4 A PRODUÇÃO

As fotos foram registradas em um estúdio improvisado. O objetivo é que o turbante em si fosse o foco, mas que se pudesse demonstrar não só seu lado estético, também sua dimensão cultural, de empoderamento, resistência e beleza. Buscou-se, na produção de moda, demonstrar também como os turbantes podem ser usados com variados looks e em variados lugares. O turbante, em certo aspecto, funciona como uma 'coroa', quando as mulheres literalmente se sentem "coroadas" ao usá-los, pois estão respeitando sua ancestralidade e seu valor cultural. Os looks escolhidos foram: esporte fino, casual, happy hour.

O local, gentilmente cedido, foi o salão da igreja Casa da Bênção [Borboleta]. Na foto abaixo, o salão da igreja, antes de começarmos a montar o cenário.



Fonte: Foto acervo da autora



Fonte: Foto acervo da autora

Os tecidos comprados para usar como fundo, na parede, foram escolhidos com cores que pudessem contracenar com os looks escolhidos e relacionados ao tema.

Montagem dos

Cenários:



Cenário montado na igreja casa da bênção



Início da montagem do cenário



Ambiente do cenário pré-montado

Foram criados quatro ambientes nos quais pudéssemos fazer maior proveito no número de fotos.

Foram usados tecidos nas cores preto, amarelo, parede de tijolos, verde com folhas.

Tapetes foram inseridos no ambiente para que pudessem dar continuidade ao fundo do chão, e ainda folhagens, puffs e banquetas .

Foram quatro os modelos escolhidos: Anthoely Vieira Evangelista, Rodrigo Luiz da Silva, Ana Carolina Batista e Wânia Lúcia Giordano Batista.

Wânia foi minha colaboradora especial, pois está passando por tratamentos quimioterápicos e engrandeceu muito meu trabalho.

Rodrigo tornou-se essencial nesse trabalho, porque representou a figura de um homem para tirar as fotos com turbante.

Os acessórios, a maquiagem, as poses, as cores, todos os elementos foram usados procurando-se ter ligações com uma abordagem estética africana. As cores deveriam harmonizar-se com os acessórios, assim, optou-se por

paletas mais fortes, com cores vibrantes e também naturais como mostarda, laranja, amarelo, preto, rose e terracota.

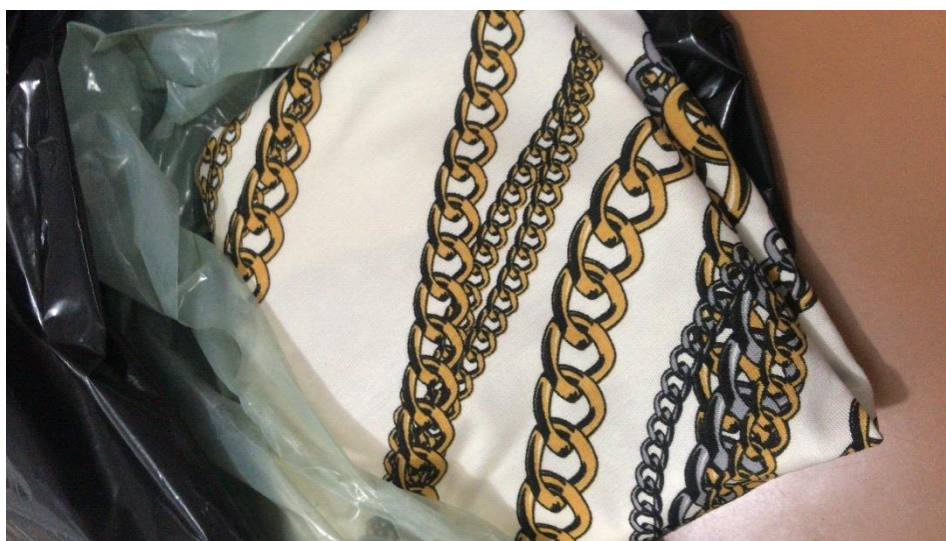
As estampas utilizadas foram de onça.



A mesa foi organizada com pranchas de referências e acessórios [bolsas, clutch, pulseiras e brincos].

Os pregadores foram usados para ajudar nos ajustes das roupas.

Para a confecção dos turbantes foram utilizados tecidos em cores e estampas coloridas, de acordo com os looks.



A maquiagem utilizada foi mais neutra, com maior destaque para os olhos, porém, em cores mais sóbrias e o batom em tom bege claro; nas unhas, um esmalte preto.



Making off

Preparação da

modelo



Modelo se
para ser

preparando
fotografada



Vestuário usado pelos modelos



Anthoely 01/06/2019



Ana Carolina

Making off de

modelo

O final mostrou-gratificante na proporção em delicado, o resultado: exatamente, o buscou. A no dia das alegre, empoderada, cuidado conteúdo da retratação nas roupas e a abordagem resistência e revelando que negra pode ser e usar o que ela quiser.



trabalho
semuito
mesma
que foi
detalhista e
que se
atmosfera
fotos foi
solidária,
com muito
estético. O
maior, além
de beleza
turbante, foi
de
força,
a mulher

A pesquisa revelou que o turbante vai muito além de uma simples busca pela estética e que, de fato, quem não conhece sua história, não deveria se apropriar dele.

EDITORIAL DE MODA

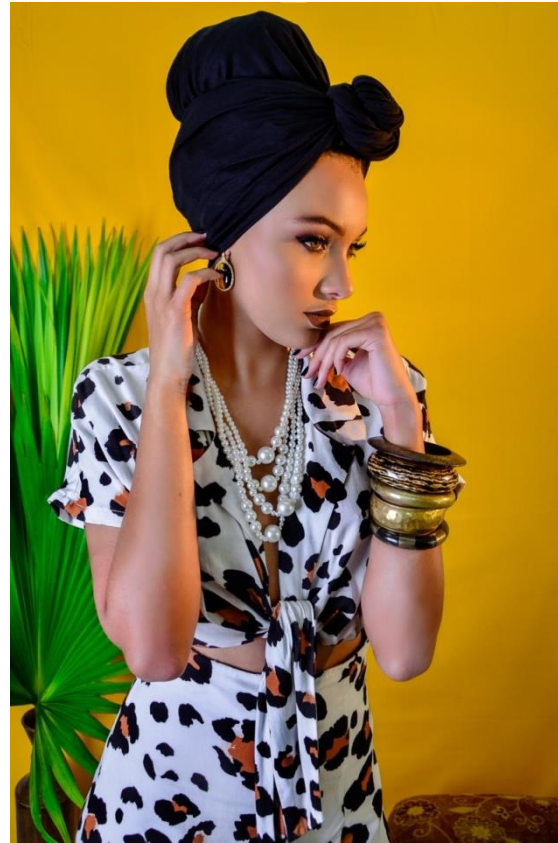






















PARTICIPANTES



Foto: Anthoely, Ana Carolina, Rodrigo, Wânia, Paulo, Mayara , Géssica, Junior, Camila e Sônia.

5 CATÁLOGO INFORMATIVO “SEJA”

Procurou-se fazer um catálogo informativo, com o nome SEJA em cores vibrantes, relacionado ao tema proposto e à sua cultura, buscando-se mostrar dentro do assunto a importância da mulher negra que resiste e se afirma no seu espaço. O intento do catálogo é informar aos leitores que não sabem da grande importância do turbante, cuja história é tão linda, para que aprendam, resistam e celebrem. Também as mulheres que passam por tratamentos quimioterápicos aparecem contempladas porque, com o uso do turbante, encontram uma forma bela de resistir, de se reencontrar como mulheres, de ter sua vaidade de volta, de se amarem.

O termo “seja”, usado na capa, reflete bem a abordagem afirmativa sobre as mulheres, principalmente, as afrodescendentes, alcançarem hoje patamares que antes elas não conseguiam, graças àquelas que no passado lutaram para ter liberdade e a roupa, neste caso, assume o simbolismo da resistência, no uso

do turbante. O título “Seja” sugere “seja quem você quiser”, já que o importante é sentir-se melhor, afirmar-se.

Os turbantes remetem também à beleza de uma história dos antepassados e a uma necessidade do respeito à diversidade e do combate à intolerância. Também símbolo de fé e de união. Por baixo dos turbantes, há uma conexão. As narrativas e reflexões que fluem através desta produção de moda mostram que o turbante pode se reconectar a um passado tão presente, e revelar não só a beleza das mulheres e dos homens que o usam, mas sua importância e força.

Pranchas:



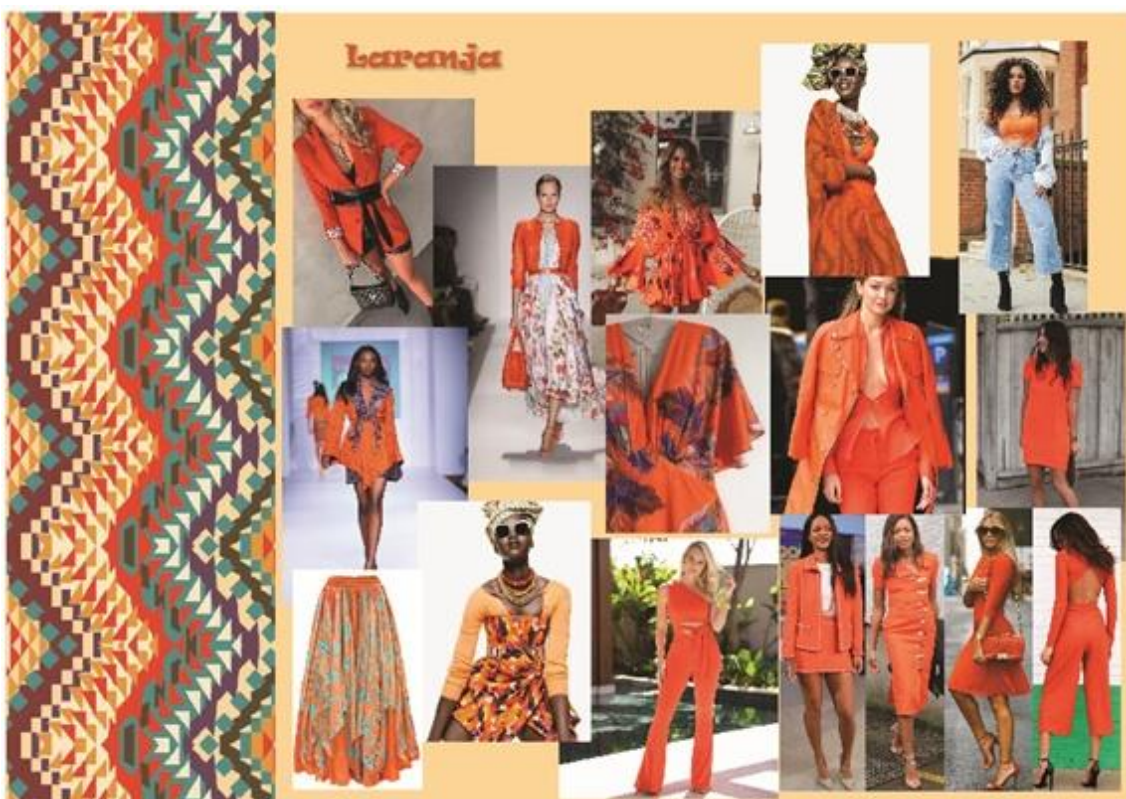


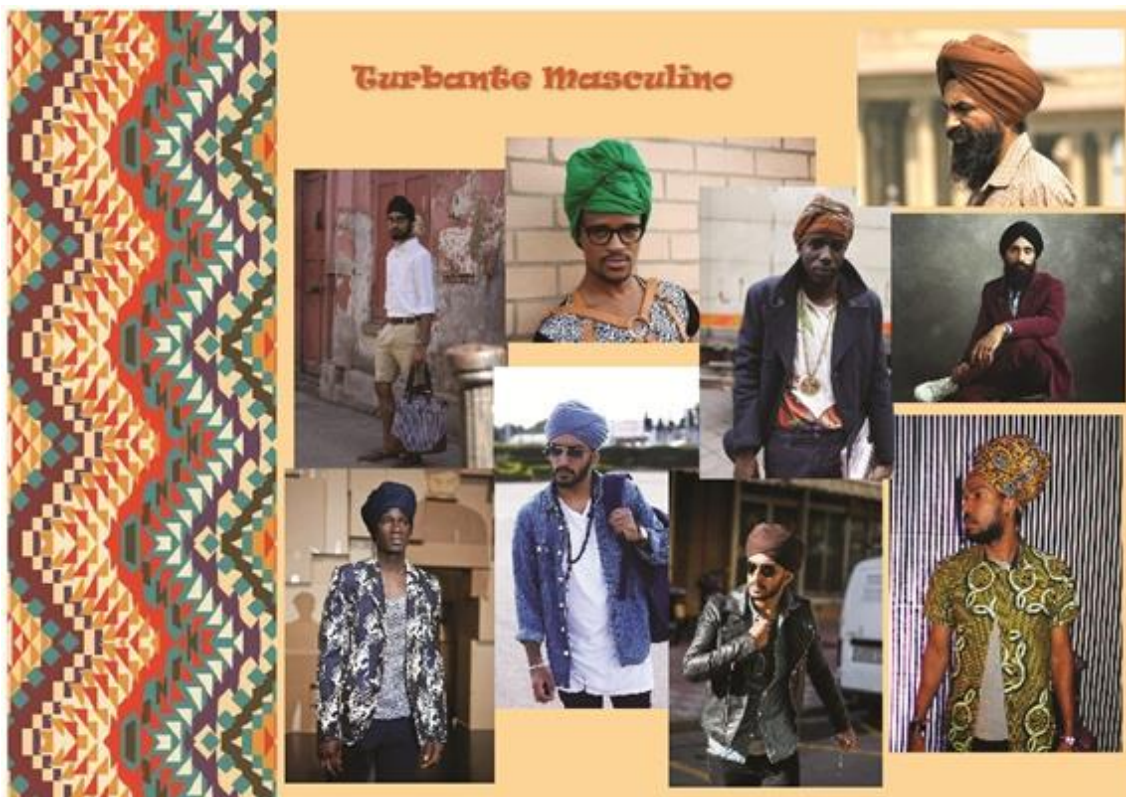
Rose - Rosa Seco

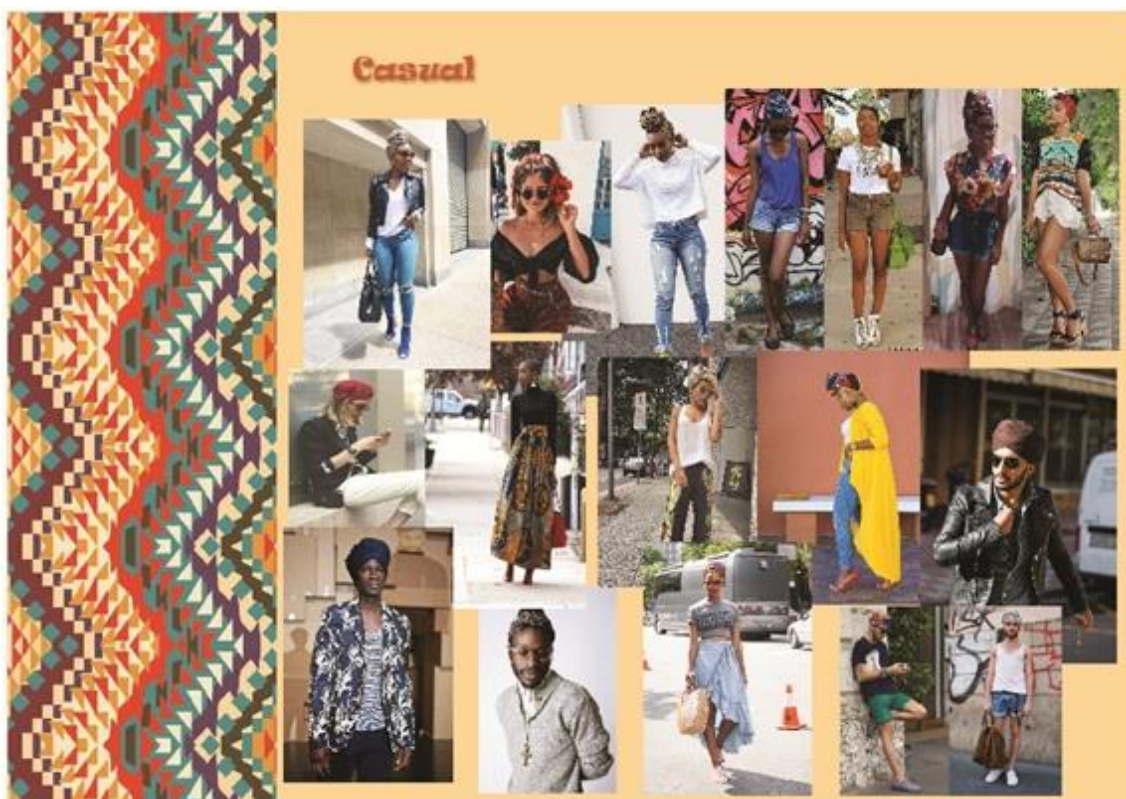


Mostarda













CONCLUSÃO

Durante toda a história, o turbante apresentou uma importância fundamental no sentido de representar quer seja a fé, o status, a tribo, a civilização ou a riqueza de quem está usando-o. No Oriente, ele geralmente é usado pelos homens para representar as castas. Na Europa, como estilo de moda. Na África, fazendo parte da roupa tradicional. E no Brasil, trazido pelos negros africanos escravizados, adquiriu diversos significados.

Nas culturas africanas e afro-brasileiras o turbante é usado para afirmação da identidade dos negros que lutam contra o preconceito e resistem ao acultramento, já que, através de suas roupas e acessórios, procuram construir sua identidade cultural. O turbante está associado a tradições e à estrutura social desses povos, refletindo sua religiosidade, respeito à ancestralidade e até posicionamento social e político, portanto, identificando a cultura de um povo.

Para as mulheres negras, tanto africanas quanto brasileiras, ficou demonstrado que o uso do turbante eleva sua autoestima, demonstra elegância e é um dos requisitos de beleza, tanto assim que, quando o usam, elas se sentem como rainhas, coroadas, como se o turbante fosse uma proteção contra o racismo, o preconceito, o sexismo. Esse acessório age como se estivessem protegendo suas energias e suas cabeças, como se estivessem sendo ajudadas por seus ancestrais.

Diante do exposto no trabalho, conclui-se que este acessório existe há gerações, ressignificando-se e sobrevivendo à apropriação cultural, porém, embora atualmente seja considerado um item de elegância e charme, é preciso que o turbante seja visto como representante da identidade cultural de um povo, ao qual traz empoderamento político e social. Nesse contexto, é necessário que as pessoas tenham conscientização de sua importância e se sensibilizem quanto ao seu valor de resistência cultural, além de ter-se transformado em patrimônio imaterial.

REFERÊNCIAS

ALMIRANTE, Juliana. **Por autoestima e religião, mulheres adotam turbante: 'É minha coroa'** (2015). Disponível em:

<<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/11/por-autoestima-e-religiao-mulheres-adotam-turbante-e-minha-coroa.html>>. Acesso em: 1 jun. 2019.

AUGUSTO, Alysson. (2017). **Apropriação Cultural** (e por que turbantes não têm dono). Disponível em: <<https://universoracionalista.org/apropriacao-cultural-turbantes/>>. Acesso em: 14 maio 2019.

BORGES, Adriana. (2015). **Turbante: cultura, moda e estilo**. Disponível em: <http://obviousmag.org/my_cup_of_tea/2015/05/turbante-cultura-moda-e-estilo.html>. Acesso em: 8 maio 2018.

BRASILIDADE nos cabelos: os penteados tropicais de Carmen Miranda.(s.a., s.d.). Disponível em:

<https://www.belezaextraordinaria.com.br/noticia/brasilidade-nos-cabelos-os-penteados-tropicais-de-carmen-miranda_a611/1>. Acesso em: 28 maio. 2019

BRITO, Patrícia. **Turbantes: religião, moda e atitude**. (2011). Disponível em: <http://www.soulnegra.com/turbantes-ii-religiao-moda-e-atitude/?utm_source=site&utm_medium=link-post&utm_campaign=posts-relacionados-manual-turbantes>. Acesso em: 10 jun. 2019.

CABRAL, Lucas. (2017). **Sobre apropriação cultural e brancos usando turbantes**. Disponível em: <https://amulherdopiolo.com.br/sobre-apropriacao-cultural-e-brancos-usando-turbantes-e878183fae80>. Acesso em: 13 maio 2019.

CAMPOS, Lorraine Vilela. (2019). Carmen Miranda. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/carmem-miranda.htm>. Acesso em 16 de julho de 2019.

CASTANHEIRA, Vânia. (2019). **O câncer foi minha cura**. Disponível em: <<http://minhavidacomigo.com/>>. Acesso em: 30 jun 2019.

CRITICADA por apropriação cultural ao usar turbante, jovem com câncer rebate: 'Uso o que quero' (s.a.; 2017). Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/viral/criticada-por-apropriacao-cultural-ao>>

usar-turbante-jovem-com-cancer-rebate-uso-que-quero-20912104.html>.
Acesso em: 13 maio 2019

CRILOURA, Fernanda. (2015). **Turbantes**: o real significado na cultura brasileira. Disponível em: < <http://www.criloura.com/2015/03/turbantes-o-real-significado-na-cultura.html>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

DESFILE moda Nova York /2018. Disponível em:
<<https://ffw.uol.com.br/desfiles/nova-york/verao-2018/marc-jacobs/1673834/colecao/1/>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

FIGUEIRÊDO, Ramon. (2016). **Turbantes**: por que seu uso nunca será apropriação cultural. Disponível em:
<<https://suporteanoite.wordpress.com/2016/07/24/turbantes-por-que-seu-uso-nunca-sera-apropriacao-cultural/>>. Acesso em: 10 maio 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** . Salvador: EDUFBA, 2008.

FORTES, Camila. (2016). **Resistência, política e elegância**: o empoderamento através do turbante. Disponível em: <
<http://entrecultura.com.br/2016/08/11/resistencia-politica-e-elegancia-o-empoderamento-atraves-do-turbante/>> . Acesso em: 15 maio. 2019.

GUIOTTO, Zelmar. (2009). **Sob o turbante de Simone**. Disponível em: <
<http://zelmar.blogspot.com/2009/05/sob-o-turbante-de-simone.html>>. Acesso em: 30 jul 2019.

GRUPO LWART. (2018). **Campanha ‘Lenços do Amor’ recupera autoestima de pacientes com câncer**. Disponível em:
<<http://bloggrupolwart.com.br/campanha-lencos-do-amor-recupera-autoestima-de-pacientes-com-cancer/>>. Acesso em: 30 abril 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

ILLY, Katy. (2018). **Turbantes** – Las Pretas. Disponível em:
<https://i2.wp.com/laspretas.com.br/wp-content/uploads/2018/04/turbantes-mosaico.jpg?resize=800%2C445>. Acesso em: 15 maio 2019.

LEVENTON, Melissa. **História ilustrada do vestuário**. São Paulo, Publifolha, 2009

LODY, Raul Giovanni da Motta. **Cabelos de Axé: Identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2004.

MATTOS, I. G. Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo. **Revista Pontos de interrogação**. Universidade estadual da Bahia. v. 5, n. 2, 2015.
MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo. Ed. Ática, 1988

NOGUEIRA, Adriano. (2017). **Apropriação cultural e racismo**. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/opiniaio/2017/02/apropriacao-cultural-e-racismo.h>>. Acesso em 7 jun. 2019

NOLETO, Lalá. (2015). **Turbantes**. Disponível em: <<http://www.lalanoletto.com.br/2015/07/24/4-tipos-de-turbantes/>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

OLIVEIRA, T. **O uso de turbantes por pessoas brancas é apropriação cultural?** CartaCapital. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/turbantes-e-apropriacao-cultural>>. Acesso em: 20 maio 2019.

RASPANTI, Márcia Pinna. (2015). **Turbantes, moda e racismo**. Disponível em: <historiahoje.com/turbantes-moda-e-racismo/>. Acesso em: 6 maio. 2019

RAMOS, Aline; LINS, Larissa. Moda: **Por que o uso do turbante despertou polêmica sobre apropriação cultural**. Diário de Pernambuco, 2017. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2017/02/15/internas_viver,689224/moda-por-que-o-uso-de-turbante-poder-ser-apropriacao-cultural.shtml>. Acesso em: 20 jun. 2019.

ROBERTA, Sara. (2014). **Estilista faz trabalhos com turbantes para pacientes com câncer**. Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/cotidiano/edicao/2014-05/estilista-desenvolve-trabalhos-com-turbantes-para-pacientes-oncologicas>>. Acesso em: 13 maio 2019.

SANTOS, Ana Paula Medeiros Teixeira dos. (2017). **Tranças, turbantes e empoderamento de mulheres negras: artefatos de moda como tecnologias**

de gênero e raça no evento afro chic (CURITIBA-PR). Dissertação – Mestrado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná). Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2712/1/CT_PPGTE_M_Santos%2C%20Ana%20Paula%20Medeiros%20Teixeira%20dos_2017.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2019.

SANTOS, Ademir Barros dos. (2014). **Mães Negras**. (2014). Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/exposicao-virtual/maes-negras-por-ademir-barros-dos-santos>>. Acesso em: 21 maio 2019.

SANTOS, José Rufino dos. Culturas negras, civilização brasileira. **Rev. Palmares**, n. 01, 2011, p. 4 a 9.

SILVA, Rosyane Maria da. IQHIYA: sobre significados e simbologias de uso de turbantes por mulheres negras. Conexões: Brasil, África do Sul, Moçambique. **Rev. Assoc. Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, p. 124-148, jan. 2018.

TIPOS de turbante. (2015). Disponível em: <GELÉ <https://ocandomble.com/2015/09/19/6053/>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

TURBANTE é religião, moda e cultura. (2014). Disponível em: <<https://www.bahia.ws/turbante-e-religiao-moda-e-cultura/>>. Acesso em: 12 maio 2019.

TIUSSU, Bruna. (2018). **Thaís Muniz, a baiana que empodera e embelezapor meio de seus turbantes**. Disponível em: <<https://thesummerhunter.com/turbantes-thais-muniz-moda/>>. Acesso em: 15 jun 2019.

TURBANTE :processo de resistencia de vida. Disponível em: <https://www.estacaooutono.com.br/?gclid=EAlalQobChMlocS0vKjz4QIVCxCRCh3itg9wEAAYASAAEgJNqPD_BwEhttps://www.geledes.org.br/associacao-dos-mestres-e-maestros-do-candomble-brasileiro-e-fundada-durante-encontro-inedito-em-mg/?utm_source=Atualiza%C3%A7%C3%B5es+Portal+Geled%C3%A9s>

TURBANTE-SE. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/historia-na-cabeca-oficina-de-turbantes-reune-mulheres-no-santo-antonio/>>. Acesso em: 5 jun. 2019.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

<http://blog.emporiocharme.com.br/turbante-origem-costumes-e-moda/>

<https://suporteanoite.wordpress.com/2016/07/24/turbantes-por-que-seu-uso-nunca-sera-apropriacao-cultural/>

<http://blog.emporiocharme.com.br/turbante-origem-costumes-e-moda/>

<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/11/por-autoestima-e-religiao-mulheres-adotam-turbante-e-minha-coroa.html>

<https://suporteanoite.wordpress.com/2016/07/24/turbantes-por-que-seu-uso-nunca-sera-apropriacao-cultural/>

<http://blog.emporiocharme.com.br/turbante-origem-costumes-e-moda/>